

# **A SUBJETIVIDADE FEMININA NA ATUALIDADE: UM LEVANTAMENTO DE COMO A MULHER SE PERCEBE DIANTE DOS PAPÉIS ASSUMIDOS POR ELA**

2011

## **Karla Suyanne Nascimento do Carmo**

Graduanda do 4º semestre do curso de Psicologia da Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS),  
Brasil

[fcrs1160@fcrs.edu.br](mailto:fcrs1160@fcrs.edu.br)

## **Julio Cesar Ischiara**

Graduado em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo (1992) e Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará-UECE (2003). Atualmente é Coordenador e psicólogo do CRAS de Banabuiú e professor do curso de Psicologia da Faculdade Católica Rainha do Sertão. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em clínica e saúde pública, atuando principalmente nos seguintes temas: adolescência, sociedade, família e subjetividade

[juliocesar@fcrs.edu.br](mailto:juliocesar@fcrs.edu.br)

## **Stania Nágila Vasconcelos Carneiro**

Graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1984), aperfeiçoamento em Ensino de Língua Portuguesa (1991) pela Universidade Federal do Ceará e especialista em Ensino do Português (1996) pela Universidade Estadual do Ceará, Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2004), doutorado em Ciências da Educação pela Universidad Del Norte (2009). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em ensino da língua, mais precisamente, com estudos voltados para o ensino da leitura. Atualmente é revisora do Jornal Fala Católica da Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS) (online e impresso). Membro do Comitê de Ética da FCRS, Brasil

[stanagila@hotmail.com](mailto:stanagila@hotmail.com)

---

## **RESUMO**

Este artigo investigou a subjetividade feminina na atualidade, teve por objetivo: Compreender o arcabouço de transformações que se deu ao longo dos anos em relação ao papel da mulher em nossa sociedade e como este papel vem sendo entendido por elas próprias. A partir de uma pesquisa qualitativa que se deu por meio de uma entrevista estruturada. Foram entrevistadas nove mulheres de camada popular, como sujeito da pesquisa foi selecionado, mulheres de diferentes faixas-etárias. Os resultados sugerem que as mulheres na atualidade se sentem mais independentes principalmente em relação ao trabalho, no entanto muitas delas alegam ter por desafios lidar com os jovens e com as exigências deste mercado de trabalho. Para a análise dos dados utilizou-se do método Hermenêutico-dialético.

**Palavras-chave:** A mulher na contemporaneidade, papel feminino, conquistas e desafios

## 1. INTRODUÇÃO

As mulheres sempre desempenharam um grande papel na família, no entanto hoje este papel se estende além do de esposa e mãe. De acordo com McGoldrick (2008), as expectativas em relação às mulheres estavam vinculadas aos cuidados com o outro, as mulheres tinham que cuidar do marido, dos filhos, e dos idosos, não possuindo vida própria, pois toda sua vida era regida pela figura masculina, primeiro o pai depois o marido, sendo seu desenvolvimento vinculado aos destes. A mulher dentro da família era a responsável por manter os relacionamentos afetivos familiares, assim, também como em estabelecer os rituais em relação à religião, festas comemorativas e por conservar as tradições. Na literatura, o desenvolvimento feminino era visto dentro da perspectiva androcêntrica, no qual as mulheres deveriam ser moldadas para se tornarem as esposas ideais.

Erikson (1963, apud McGoldrick, 2008) ressalta que a condição humana de estar conectado ao outro, refere-se apenas ao primeiro estágio “confiança versus desconfiança”. Segundo a autora, os demais estágios dizem respeito às mulheres e estes são de caráter individual, que normalmente significam fracassos, existindo uma cobrança maior na figura da mulher, deixando de lado as questões sociais, pois a identidade é analisada de forma individual, desprezando a vivência familiar. Na perspectiva de algumas teorias, os cuidados que as mulheres demonstravam em relação aos relacionamentos eram vistos como fraqueza e não como força humana.

A independência econômica das mulheres contribuiu para a auto-estima feminina. Nos últimos anos, as mulheres têm se casado mais tarde, tido menos filhos, e se divorciado mais, principalmente as com maior e melhor formação profissional e salários. No entanto uma pesquisa feita no ano de 2000 destacou que há uma crescente “feminização da pobreza”, pois muitas mulheres são dependentes dos seus maridos e quando existem casos de separações conjugais, estas passam a ganhar menos que os homens, o que ocasionou o aumento da pobreza por gênero.

O ingresso das mulheres no mercado de trabalho ocasionou mudanças na estrutura familiar, a estrutura tradicional do pai que trabalha fora, da mãe que ficava em casa e dos filhos, está tornando-se uma relíquia. Na atualidade, o modelo de família regida pelo progenitor homem está mudando e dando lugar as mulheres, pois existem famílias administradas pelas mães. O sistema patriarcal que caracterizou nossa cultura, tanto causou danos aos homens quanto as mulheres, este sistema encontra-se em transformação, pois figuras como o pai, hoje vem perdendo seu papel dentro das famílias. No mais, mesmo que as mulheres trabalhem fora, ainda há um desequilíbrio nas divisões das tarefas domésticas, ficando a maior responsabilidade por conta das esposas. (MCGOLDRICK, 2008, P. 30 a 60).

Não é importante que as mulheres na atualidade percam seus valores femininos e aderem os masculinos, mas que preservem a identidade feminina não importando os papéis que elas ocupem, construindo uma nova cultura e subjetividade.

A subjetividade é construída a partir das relações interpessoais, se manifesta de forma singular, individual, pertencendo ao mundo particular de cada sujeito, ela vai permitir a qualidade do desenvolvimento individual. De acordo com algumas abordagens, a subjetividade é entendida como o lugar íntimo e individual onde cada pessoa experimenta as suas experiências de vida, mundo e do outro, atribuindo sentido a essas experiências. Segundo Lorieri (2008) “... subjetividade é algo construído, construído por cada um de nós e ao mesmo tempo por influências poderosas do meio em que vivemos...” (LORIERI, 2008, P. 77).

A subjetividade feminina foi construída ao longo do desenvolvimento social, cultural e histórico de forma submissa, as mulheres eram educadas para servir aos outros, renunciando a elas próprias.

Percebemos uma grande mudança na subjetividade feminina na atualidade em relação à sexualidade, pois em outrora a sexualidade para as mulheres era tratada como um tabu, elas eram proibidas de sentirem prazer, sendo o ato sexual permitido apenas dentro do casamento e para a procriação. Como argumenta Fleury (2007) “a resposta sexual humana foi dividida em quatro fases: desejo (relacionado às fantasias sexuais); excitação (sensação de prazer, mudanças fisiológicas); orgasmo (clímax do prazer); e resolução (bem-estar e relaxamento muscular)”. A autora ressalta que neste levantamento tradicional não existem diferenças entre a sexualidade masculina e feminina.

Este artigo teve a pretensão de pesquisar sobre a subjetividade feminina na atualidade, tendo por atores sociais: mulheres pertencentes à classe popular, divididas por faixas etárias.

Assim, tivemos por objetivo geral: Compreender o arcabouço de transformações que se deu ao longo dos anos em relação ao papel da mulher em nossa sociedade e como este papel vem sendo entendido por elas próprias. Para isto, foram realizadas entrevistas a algumas mulheres a respeito do assunto, onde houve análise das respostas obtidas, procurando relatar com precisão e coerência o material obtido.

Utilizou-se de uma pesquisa qualitativa (Minayo, 1992), “... aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captáveis em equações, médias e estatísticas.” Se deu a partir de uma entrevista estruturada, “... essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.” Contendo quatro perguntas, que foram elas: como você percebe o papel das mulheres na atualidade? E como você se percebe? Em sua opinião, quais foram as conquistas alcançadas pelas mulheres ao longo das gerações? Quais os desafios enfrentados por você hoje? Foram entrevistadas nove pessoas do sexo feminino, para a escolha das participantes

fez-se um levantamento da população feminina da cidade por faixa etária e se escolheu pessoas que representasse essa população. Elas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, se autorizando a participarem da pesquisa. As entrevistas foram gravadas. Estas ocorreram numa cidade do sertão central do estado do Ceará, onde os atores foram entrevistados em suas residências. Das mulheres entrevistadas oito residem no bairro do Deposito e uma no bairro duque de Caxias, ambos os bairros populares desta dita cidade. Elas possuem entre dezessete a setenta e quatro anos. Com renda familiar entre um e dois salários. As mulheres com idade entre cinquenta e três a setenta e quatro anos possuem no máximo o ensino básico (alfabetização). Uma possui ensino superior, e as com dezessete a vinte e quatro anos possuem o ensino médio completo.

Para a análise dos dados, fez-se uso do método hermenêutico-dialético. “Nesse método a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida. Essa compreensão tem como ponto de partida, o interior da fala. E, como ponto de chegada, o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala.” (MINAYO, 1992. P. 22; 57; 77)

A importância de se pesquisar sobre o assunto se fez devido às mudanças que ocorreram em nossa sociedade, principalmente na sociedade primária que é a família, devido à reação feminina ao domínio patriarcal nos últimos anos, a mulher passou a desempenhar papéis além dos empenhados em outrora. Hoje existem mulheres ocupando vários papéis, que para entendê-los necessita ir além do entendimento dos desejos e pulsões, se faz necessário conhecer o meio social e histórico, onde elas habitam.

## **2. A MULHER DO MODERNO AO PÓS-MODERNO**

No pensamento moderno a mulher era vista a partir da teoria biológica, e esta a atribuía uma idéia de ser pertencente a uma natureza inferior aos homens. A mulher era concebida como um sexo frágil, pois suas potencialidades eram restritas as questões anatômicas, sendo seu lugar de atuação na sociedade limitada ao lar, às tarefas práticas como serviços domésticos, pois de acordo com esse pensamento, as mulheres eram desprovidas de inteligência suficiente para tratar de assuntos como: política, ciência, economia, etc. Ou seja, assuntos que rondavam o espaço público. Diante dessa lógica os papéis sociais deveriam ser predeterminados conforme o sexo, essa teoria explicava a desigualdade social entre os gêneros.

O pensamento moderno de mundo era um pensamento dicotômico, e frente a essa forma de pensar, homens e mulheres possuíam lugares definidos na sociedade, onde os espaços públicos estavam para os homens e o privado para as mulheres. O pensamento feminino era formado a partir daquilo que os homens não eram, ou seja, as mulheres eram vistas e condicionadas a se verem como sobras, sombras masculinas. Esta forma de perceber as mulheres iniciou-se com a

ascensão da burguesia e o surgimento da sociedade industrial e do capitalismo. Segundo Rocha-Coutinho (1994, apud Amazonas 2006).

O grande valor que a mulher possuía nesse período era o de ser capaz de gerar, de procriar. A maternidade era a maior razão para o reconhecimento feminino. A identidade dessa mulher-mãe, da mulher que cuida da casa, que é intelectualmente inferior ao homem foi a que norteou o comportamento da mulher burguesa, durante muitos anos, embora Priore (1997) tenha afirmado que já havia um silencioso e solitário movimento de insatisfação vivenciado por mulheres que não se conformavam em viver de forma tão limitada (AMAZONAS, 2006, p.30).

Esse modelo extremamente obediente, submisso da mulher, passa por transformações sociais, especialmente a partir do momento em que a sociedade necessita de mão-de-obra, devido ao déficit de força produtiva masculina no período das duas grandes guerras mundiais. Por sobrevivência social e das indústrias, a mulher passa a ser vista “como um ser capaz de dar conta da demanda do mundo laboral”. Nesse momento por mudanças decorrentes na política e economia, a identidade feminina deixa de ser pautada unicamente por características biológicas.

Isso repercute sobre a subjetividade feminina e as mulheres começam a rever posturas anteriores e a ressignificar suas identidades. Do mesmo modo, sua representação social se modificou em decorrência de sua abertura para o mundo profissional; a mulher ganhou visibilidade social (FIGUEIRA, 1987, apud AMAZONAS 2006, p. 31).

Através dos movimentos feministas as mulheres ganham força e passam a reivindicar seus direitos, renegados em outrora, pelos quais passam a exigir igualdade entre os gêneros.

A abertura e ida ao mercado de trabalho possibilitaram as mulheres autonomia, socialmente elas ultrapassaram as perspectivas de cuidadoras, e passaram a ser merecedoras de respeito e reconhecimento. As décadas de 80 e 90 estabeleceram a ocupação pelas mulheres de espaços públicos. Essas conquistas não significaram a igualdade entre os sexos, a mente humana ainda encontra-se condicionada por doutrinas e teorias preconceituosas. O trabalho possibilitou que elas saíssem da posição de procriadoras para criadoras, no entanto na contemporaneidade é com que as mulheres enfrentem dupla ou tripla jornada de trabalho, tiveram de se especializarem deixando a maternidade por ultimo. No entanto ainda é cobrado das mulheres que elas exerçam o papel de cuidadoras da família.

O modelo de mulher na sociedade pós-moderna é visto como um modelo múltiplo, este modelo deixa de lado a “liberdade feminina” tão sonhada e idealizada nos movimentos feministas. Se antes as mulheres lutaram para se libertarem das amarras do sistema social

patriarcalista, hoje elas encontram-se aprisionadas as amarras do mercado de trabalho. “Muitas mulheres, atualmente, lutam entre uma educação tradicional recebida em um mundo que lhe exige novos posicionamentos de sujeitos.” (AMAZONAS, 2006.p. 35)

Segundo Braga (2006), nossa sociedade nos últimos séculos tem se destacado pelas referências feitas à associação do feminino com a maternidade, como sendo uma condição para a outra. Freud (1976, apud Braga, 2006) em sua teoria não fala do que é a mulher, mas de como ela se forma e desenvolve para ele a feminilidade é estabelecida na relação da mãe com o filho, esta se traduz na mais perfeita e livre ambivalência. A subjetividade feminina foi construída dentro dessa relação maternidade-feminilidade.

O feminino, na contemporaneidade, vai apontar para esse “demais” e esse “de menos”, traduzindo-se numa multiplicidade de lugares, papéis, funções, numa injunção de excelência, feminino incansável (porém exausto), 25 horas por dia, oito dias por semana (BRAGA, 2006, p. 45).

A maior característica da contemporaneidade é a pluralidade. A mulher teve a necessidade de se emancipar, no entanto ela traz em seu inconsciente o papel da mãe e dona de casa.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Das mulheres que participaram desta pesquisa oito residem no bairro do Deposito e uma no bairro Duque de Caxias, ambos os bairros localizados na cidade de Quixeramobim. Elas possuem entre dezessete a setenta e quatro anos. Com renda familiar em até dois salários mínimos. As mulheres entre cinquenta e três a setenta e seis anos possuem apenas o ensino básico (alfabetização), entre dezessete a vinte e quatro anos o ensino médio, e apenas uma possui o ensino superior. Constatou-se também que as mulheres com idade entre quarenta e nove a setenta e seis anos tiveram um número maior de filhos e que das mesmas apenas duas trabalham ou já trabalharam fora em relação as mais jovens.

A população feminina da cidade de Quixeramobim hoje corresponde a vinte e dois mil setecentos e vinte habitantes essa população corresponde a 52,3% da população total de cidade (zona urbana). No geral é cerca de trinta e seis mil cento e cinquenta e oito habitantes, que corresponde a 50,3%.

**Quadro 1 – Evolução da população geral**

ANO	POPULAÇÃO (Nº DE HABITANTES)
1970 a 1980	65.500
1991 a 2000	60.000
2010	70.000 a 71.000

**Quadro 2 – População feminina de acordo com a faixa etária**

IDADE	POPULAÇÃO (Nº DE HABITANTES)
15 a 69	24.000
70 acima	2.000

Fonte: IBGE.

**3.1 Relatos de acordo com a faixa etária**

Para a realização da pesquisa foram realizadas quatro perguntas que serão citadas e comentadas a seguir:

**1. Como você percebe o papel das mulheres na atualidade?**

(M 1- 17 anos) “Eu vejo o papel das mulheres hoje na atualidade, que as mulheres são mais desenroladas que antigamente, que elas tão dando mais conta do que muitos casais, tipo marido e mulher, hoje a mulher ocupa o papel mais importante na sociedade, ela já consegue enfrentar uma família só”.

(M 2- 20 anos) “As mulheres são tudo na atualidade”.

(M 3 – 24 anos) “Elas tão mais independentes, não necessitam mais do homem, são independente por se próprios”.

(M 4 – 24 anos) “O papel das mulheres na atualidade, acho que a mulher avançou muito né, antigamente a mulher não podia fazer nada, hoje em dia tem mulher que ganha mais do que o homem, hoje a mulher ta avançada tem mulher até na presidência, ta ótimo”.

(M 5 – 49 anos) “Eu percebo que a mulher é hoje na atualidade, ela tem um papel muito importante, não só dentro da família, mas na sociedade como um todo né, e ela também, ela se sobre saiu muito no mercado de trabalho, é dentro das universidades, dentro de toda escola, dentro de toda função trabalhista, como um todo. A força da mulher hoje, ela é quem ta dirigindo o país, ela é quem dirige a vida de todo homem, de toda grande mulher, de toda pequena mulher, é essa mulher hoje. A mulher que tem uma força muito grande, mas que nem todas às vezes sabem da importância da força que ela tem e vejo, também assim, dentro das sociedades menos favorecidas, como as favelas, a mulher ainda, ela é muito submetida a maus tratos pelos homens, ela ainda vivência muito a venda do seu próprio corpo, ela ainda vivência muito é a sua vida voltada pras coisas que não prestam, do seu amor próprio ferido, dela não conhecer a sua própria personalidade, de não conhecer a importância que ela tem dentro da

sociedade e como um todo eu vejo a mulher, principalmente nessa grande diversidade que é o mundo o ser que melhor se sobressai em tudo, dentro de qualquer papel que coloque pra mulher desempenhar com certeza ela vai desempenhar melhor que qualquer homem, porque ela é mulher, ela é mais sensível, ela conhece todo o afeto, ela é formadora de vida, então é essa importância, é esse o grande papel, essa força que eu sei que a mulher tem dentro dela, embora muitas delas se deixem abater pelo sofrimento, pelas dificuldades do dia-a-dia, e principalmente pelo seu amor próprio ferido e a sua falta de valorização.

(M 6 – 53 anos) “Hoje em dia a muiê é quem manda, ela é quem ta mandando quase, daqui uns tempo e os homens não tomar cuidado elas é quem gritam, que manda”.

(M 7 – 58 anos) “Não é porque eu acho horrível sapatão, não gosto, detesto”.

(M 8 – 68 anos) “As mulheres antigas né, que naquela época também existia muitas mulheres corajosas né, e vem de lá pra cá a mesma semente, certo. Que tem as mulheres boas, como hoje tem as mulheres boas e tem a outra parte né, que detalhe por se mesmo”.

(M 9 – 74 anos) “Hoje, eu vejo as mulheres de hoje muito diferente do meu tempo, num meu tempo foi um e o das mulheres de hoje é outro, é outro tempo, porque no meu tempo existia ordem, obediência, amor e fraternidade, hoje não, pai não se respeita, filho não se respeita e hoje você sabe que na vida que nós temos que o mundo é o mesmo, vai ser quando vier nascer os meus bisnetos, já é como eu já tenho muito, como é que ta o mundo? Do mesmo jeito, com novas diferenças, com nova criação, com novas vidas e o tempo passa rápido, muito rápido, sem nem uma duvida, quando esse tempo se passar minha filha, o mundo vai pegar fogo. Hoje no nosso mundo atual se ainda existe no que eu fui criada, no que eu criei as minhas filhas, ainda hoje seria o mundo maravilhoso, porque nada disso hoje existe mais, pai não respeita filho, filho não respeita pai, mãe não respeita filha, filha não respeita mãe e então assim por diante, vai continuar a mesma coisa e continua a mesma vida”.

Na opinião das pessoas entrevistadas, as mulheres na atualidade estão mais independentes em vários aspectos, dependendo menos dos homens na questão financeira. Elas ressaltam a importância da mulher não só dentro de casa, mas também fora dela, falam do papel que a mulher está ocupando dentro da sociedade. Essa independência está vinculada a ida da mulher ao mercado de trabalho, este fato teve início durante a primeira guerra e a segunda guerra mundial, onde em plena revolução industrial, faltou mão-de-obra, pois os homens se encontravam nos campos de batalhas, neste caso as fabricas passam a fazer uso da mão-de-obra feminina e infantil.

## 2. E como você se percebe?

(M 1- 17 anos) “Eu me percebo mais cheia de objetivo e com mais funções, sempre em rumo dos meus objetivos, sempre focando”.

(M 2- 20 anos) “Importante”.

(M 3 – 24 anos) “Independente”.

(M 4 – 24 anos) “Graças a Deus sou independente, tenho que melhorar bastante, no meu caso né, pra mim”.

(M 5 – 49 anos) “Eu me percebo é, a cumeeira de uma casa, de uma grande construção e que tem que permanecer sempre de pé, porque se essa cumeeira cair, cai junto com ela toda uma estrutura familiar, eu me vejo dentro da sociedade como educadora, como formadora de opinião né, como alfabetizadora que essa é a minha especialização, é o que eu gosto de ser, e alfabetizadora é da os primeiros passos, primeira oportunidade as crianças de conhecer o saber né, as primeiras letras, o sentido que isso causa na vida da gente, essa importância, também percebo que como mulher dentro da minha família, eu tenho um papel fundamental como mãe, como mestra né, como responsável não só financeiramente, não só economicamente, mais na vida dos meus filhos eu tenho certeza que eu sou essa cumeeira, esse pau que sustenta toda essa estrutura e que a minha maior vontade, meu maior desejo é que todos os meus filhos de uma forma geral, criasse dentro de cada um deles essa estrutura que eu enquanto mulher criei dentro de mim, que foi através de todos os obstáculos que eu encontrei na minha vida, de todas as dificuldades que eu vivi na minha vida que me fortaleceu, que me endureceu, me transformou na pessoa que eu sou hoje”.

(M 6 – 53 anos) “Aí na atualidade é essa, agente sofre um pouco, premeiro, é você querer uma coisa e não conseguir nesse ponto como eu sou analfabeta né, aí se eu não tiver uma ajuda, eu não consigo, porque eu não sei conversar, não sei me espricar as coisa que eu quero, que eu desejo, aí se eu não tiver uma pessoa inteligente do meu lado, aí eu não consigo o que eu desejo, que é o premeiro, meu desejo era arranjar uma dependência pra mim, pra me não depender de ninguém, eu não consigo né, ser independente, tem que ter dos outros, a o primeiro lugar é esse aí, caso quando eu preciso de um político, qual é o que vai me ajudar? Nenhum, quando é eles precisem da gente, agente ta ali pra ajudar eles, mas na hora que o pobre precisa do político ele ta? Cai fora, ta nem aí”.

(M 7 – 58 anos) “Responsável por me mesma, sou independente”.

(M 8 – 68 anos) “Eu posso dizer é, realizada, porque eu já tenho idade né, graças a Deus até hoje esta tudo bem, eu não tenho nada de confusão, eu vivo bem comigo mesma, me aceito do jeito que eu sou”.

(M 9 – 74 anos) “Eu me percebo jovem com setenta e quatro anos, mas to jovem, cuido de tudo que eu preciso, vou na minha igreja sozinha, faço mesma os meus negócios, assumo por mim, eu me assumo, porque toda vida eu gostei de me assumir, porque eu nunca deixei homem nenhum passa a perna no meu pescoço, não, não”.

Percebe-se que a forma como as entrevistadas se percebe está diretamente ou indiretamente vinculado ao trabalho, a independência financeira que ele causou em suas vidas, principalmente as mais jovens. Em relação às mulheres mais vividas pode-se perceber em suas falas um vínculo com o papel que socialmente elas ocupam dentro de suas famílias, suas vidas de certa forma encontram-se vinculadas a de seus filhos.

**3.** Em sua opinião, quais foram às conquistas alcançadas pelas mulheres ao longo das gerações?

(M 1- 17 anos) “O emprego é um deles, só isso que eu acho”.

(M 2- 20 anos) “Na minha opinião né, o que eu acho, conquistaram tudo, os direitos, os direitos de muitas coisas, assim, por exemplo de votar, de determinar as coisas que elas queriam, que antigamente não tinham e hoje agente tem, né, antigamente agente, agente não era nada, hoje em dia agente é muita coisa, agente tem vários direitos que antigamente agente não tinha e hoje em dia agente já tem”.

(M 3 – 24 anos) “Várias, o voto conquistou né, o trabalho, que antigamente a mulher não podia trabalhar, o trabalho era proibido né, principalmente o voto, a mulher ser presidente né, isso aí foi uma conquista e grande né, primeira mulher presidente né”.

(M 4 – 24 anos) “A questão do voto, a questão do emprego, que muitas mulheres tinham emprego que era discriminado, se desenvolveu bastante em muitas coisas, é em questão de casa, muitos homens ficam em casa e a mulher que cai trabalhar, então as mulheres mudou muito”.

(M 5 – 49 anos) “Foram muitas as conquistas das mulheres né, as mulheres já foram aviadoras, médicas, são donas de casa, são presidentes da republica, são governadoras do estado, são prefeitas né, são mães, são acrobatas, são esportistas, tem também as escravas do lar, as “Amélias”, da vida, a nossa vida hoje tem uma grande diversidade de mulher, mais o importante é saber que estão cada dia que passa descobrindo a força que tem e fazendo o que realmente agente tem que fazer o nosso papel de mulher, porque como Jesus escolheu nós, as mulheres pra serem as primeiras conhecedoras de sua ressurreição, porque neste planeta, nesta vida nós temos uma missão muito importante”.

(M 6 – 53 anos) “Antigamente uma mulher ela não podia ser uma vereadora, ela não podia ser uma presidente, ela não podia ser nada disso, hoje elas tão conseguindo tudo isso”.

(M 7 – 58 anos) “Votar, eu toda vida votei”.

(M 8 – 68 anos) “A conquista é o trabalho né, é o trabalho, apesar de eu não ser muito a favor das mulheres trabalharem, que tem filho né, porque os filhos ficam na creche, ficam com a empregada, e aquele amor verdadeiro da mãe pra com o filho na época necessária, não tem”.

(M 9 – 74 anos) “Na minha opinião, antigamente as mulheres só conquistava menino, só menino, que só eu tive dezoito, porque, porque naquelas épocas não existia defesa, não existia nada pra que agente se defendesse, mas foi bom, trabalhei, lutei, sofri, mas hoje todos tem se diploma na mão, como até hoje estou lutando pra terminar o resto e ainda assistir, que o meu filho vai terminar a faculdade dele em matemática, Dezembro, eu já fui convidada pra missa, pra me entregar o diploma”.

Os direitos alcançados pelas mulheres ao longo das gerações estão, de acordo com o depoimento das entrevistadas, ligados ao trabalho, ao voto e o ingresso da mulher na política. No Brasil, a emancipação feminina teve como sua precursora a educadora Leolinda de Figueiredo Daltró. No entanto o Rio Grande do Norte foi o primeiro estado brasileiro a conceder as mulheres o direito de voto. Em 1932 o então presidente da república Getulio Vargas pelo Decreto nº 21.076 de 24 de Fevereiro, é instituído o código eleitoral brasileiro, dando o direito a todos os cidadãos independentes do sexo e maiores de vinte e um anos o direito a votar, este não sendo

obrigatório às mulheres. Em 1934 a lei é alterada para maiores de dezoito anos vigorando até a constituição de 1988. Em três de Maio de 1933 pela primeira vez no Brasil as mulheres puderam votar e ser votadas, essa eleição era para compor a assembléia Nacional, nesta teve a primeira mulher eleita no país para o cargo de deputada, Carlota Pereira de Queiróz. Esse Decreto vigorou até 1988 com a Constituição. Em 2010 o Brasil elege a primeira mulher presidente da Republica, a até então Ministra Dilma Ruceff.

#### 4. Quais os desafios enfrentados por você hoje?

(M 1- 17 anos) “Nenhum eu acho, até agora. Em relação aos estudos só o de passar no Enem mesmo”.

(M 2- 20 anos) “Conseguir a minha própria, minhas próprias coisa, sem precisar dos meus pais, ter meu próprio emprego, ter minha própria família, ter minha própria casa”.

(M 3 – 24 anos) “São vários, primeiramente de emprego, são os mais difícil”.

(M 4 – 24 anos) “Não sei não. Questão de emprego, escolaridade, tem que ter bastante curso, outras coisa, deixe eu vê que mais”.

(M 5 – 49 anos) “Hoje os maiores desafios que eu enfrento todo dia é saber lidar com esse público jovem diante de tanta informatização e diante de uma escola que não está preparada pra este público, é muita informação para um trabalho ainda muito tradicional, vejo assim, um desafio muito grande ser a vó, é, passar pra essa segunda geração os meus valores, aquilo que eu acredito que cada ser humano tem que construir né, passar esses valores pras minhas noras, meus genros, pra minhas filhas, então esse é um desafio muito grande, e tenho certeza que lá no final dessa história os frutos vão ser colhidos, com toda certeza”.

(M 6 – 53 anos) “Os meus desafios hoje, não posso fazer quase nada, assim não posso porque não tenho quase nada na vida, porque eu não tenho um trabalho, não consigo vivo doente não passo trabalhar”.

(M 7 – 58 anos) “Pra me ta ótimo, meus filhos tão tudo bom, tão tudo de maior né, tudo tem saúde, pra me ta tudo bem”.

(M 8 – 68 anos) “Não, não porque a minha vida é na igreja, faço os meus trabalhos, administro a catequese, e tudo mais eu não tenho muita coisa pra dizer não, eu vivo bem, na catequese as crianças, eu me dou bem, toda vida eu defendo elas e defendo também os jovens, logo a pessoas dizem que os jovens dão trabalho só que esse trabalho vem desde lá do comecinho da criação, exatamente que as mães, vão trabalhar e os filhos ficam aí né, e as crianças eu não vejo, assim tanta, aí é porque as mães hoje não podem mais com os filhos, uma criança com oito anos a mãe diz que não pode mais com o filho, isso eu acho ridículo, a mãe dizer uma coisa dessas, porque ela é muito maior que a criança, ela tem muito mais vivencia de que aquela criança, que ela pode pegar no braço e sentar né, e educar né, por isso eu, essa parti aí eu num temo não, por causo que eu vejo por aí, que agente, uma mãe é muito maior que um filho né, ela tem todo o direito de pegar a criança de sentar e conversar né, porque ele não é maior que ela, nem na altura, nem no poder né, eu vejo assim”.

(M 9 – 74 anos) “Os meus desafios são muito maior, muito maior, criar neto, porque a mãe não sabe criar e eu preciso da educação, aquilo que ela não sabe fazer, porque eu tenho dois dentro de casa, dentro da minha casa, e ainda agora eu tive que castigar todos dois, e isso, é muito dependioso quando uma mãe não governa o seu filho, é triste, mas é verdade”.

É percebido na fala das entrevistadas uma diferença, as mais jovens referem-se aos desafios colocando-os no futuro, situando-os com as conquistas ainda não alcançadas. Ressaltam a necessidade de capacitação profissional para enfrentar o mercado de trabalho. No entanto as mais vividas, as mulheres que possui de 49 anos acima, falam se dirigindo ao presente, aos desafios encontrados no momento vivido, como: as preocupações em lidar com os jovens; relatam as diferenças culturais e morais entre suas gerações e a de hoje e os desafios em como repassar esses valores aos mais novos, se referem às dificuldades vividas como uma forma de aprendizado, etc.

#### **4. CONSIDERAÇÕES**

Apesar das conquistas alcançadas pelas mulheres, elas ainda ocultam papéis ocupados em outrora, como o de cuidadoras. Na atualidade elas estão sentindo-se mais independentes em relação à questão financeira, e vêm ocupando vários papéis, no entanto percebe-se a preocupação em relação a como lidarem com os desafios trazidos por esses múltiplos papéis, principalmente no que diz respeito à questão profissional. Nos relatos essa preocupação é mais central nas pessoas mais jovens, enquanto as mais experientes falam da dificuldade em lidarem com os jovens e com os valores morais trazidos por eles, essas mulheres vinculam os seus depoimentos com suas famílias, visa o grupo, o outro. Enquanto as mais jovens ainda estão preocupadas com elas próprias.

Este artigo ainda fala pouco do papel das mulheres em nossa sociedade atual, no entanto ele traz um tema amplo que ainda precisa de tempo para melhor ser estudado, pesquisado e analisado.

## REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. **A subjetividade e suas pesquisas**. Disponível em: <[www.fafich.br/~memorandum/a10/amatuzzio3.pdf](http://www.fafich.br/~memorandum/a10/amatuzzio3.pdf)>. Acesso em 10 de Abril de 2011.

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; LIMA, Albenise de Oliveira; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **Mulher e Família: Diversos Dizeres**. 1ª Ed. Recife: Oficina do Livro, 2006.

BERNADES, Lúcia Helena Garcia. **História da Psicologia no Brasil: Subjetividade um objeto para uma psicologia comprometida com o social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MCGOLDRICK, Monica; CARTER, Betty. **A Mudança no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura para a Terapia Familiar**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

RIBEIRO, Antônio Sergio. **A Mulher e o Voto**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/politica/importancia-voto.htm>>. Acesso em 10 de Junho de 2011.